

O Natal e o Chá-de-panela em uma perspectiva antropológica: sobre consumo e objetos em trocas de presentes

Igor Mello
Diniz

Graduando do Curso
de Ciências Sociais
/ UFRJ

Palavras chave:
Troca, Economia,
Presentes, Consumo,
Objetos

Key words:
Exchange, Economy,
Gifts, Consumption,
Objects

RESUMO: O presente ensaio tem como objetivo fazer algumas reflexões sobre como teorias antropológicas lidaram com os temas do consumo, dos objetos e das trocas de presentes, em especial a partir das reflexões de Mary Douglas, Daniel Miller, Arjun Appadurai e Marcel Mauss (2007, 2007, 2008 e 2003). A análise estabelecerá ainda uma pequena comparação entre dois momentos etnográficos referentes a trocas cerimoniais, a saber: o Natal e um chá-de-panela.

ABSTRACT: This essay tries to reflect upon how anthropological theories dealt with themes such as consumption, objects and exchange, especially from the works of social anthropologists such as those from Mary Douglas, Daniel Miller, Arjun Appadurai and Marcel Mauss (2007, 2007, 2008, 2003). The analysis will be based on the comparison between two distinct ethnographical situations referring to ceremonial exchanges: Christmas and a bridal shower.

Introdução

"Ao colocar a natureza simbólica de seu objeto, a antropologia social não pretende nem por isso afastar-se das realia. Como poderia fazê-lo, uma vez que a arte, onde tudo é signo, utiliza veículos materiais? Não se podem estudar os deuses e ignorar suas imagens; os ritos, sem analisar os objetos e as substâncias que o oficiante fabrica e manipula; regras sociais, independentemente de coisas que lhes correspondem. A antropologia social não se isola em uma parte do domínio da etnologia; não separa cultura material e cultura espiritual. Na perspectiva que lhe é própria — e que nos será necessário situar — ela lhes atribui o mesmo interesse. Os homens se comunicam por meio de símbolos e signos; para a antropologia,

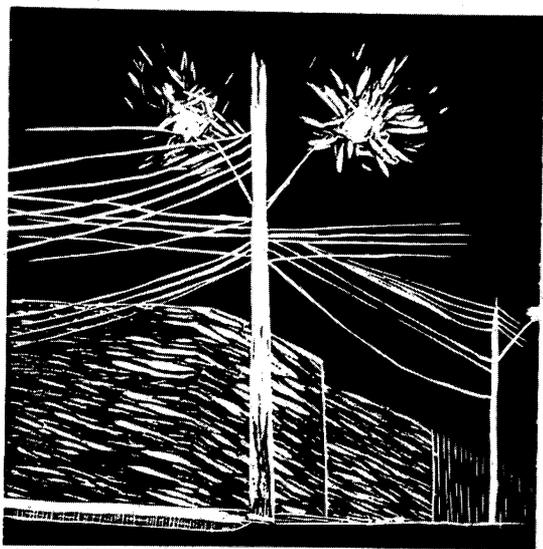
que é uma conversa do homem com o homem, tudo é símbolo e signo que se coloca como intermediários entre dois sujeitos".

Claude Lévi-Strauss, "O campo da Antropologia".

"Pure gift? Nonsense!"
Mary Douglas, "No free gifts".

A preocupação com as formas de produção, distribuição, circulação e consumo de bens materiais e simbólicos nas mais variadas sociedades e culturas foi um dos pilares que sustentou a fundação da reflexão propriamente antropológica. Duas questões sempre pareceram fundamentais na instituição de tal preocupação: a) a idéia de que existem diversas formas de organizar a produção e as trocas,





concebidas de diferentes formas em cada teoria nativa; e b) a idéia de que as teorias da ciência econômica ocidental eram, portanto, um conjunto de teorias sobre produção, troca e consumo específico e particular de organizar tais atividades humanas.

Os debates que aqueceram a antropologia econômica nos anos 60 e 70, entre formalistas e substantivistas, separaram o mundo social em duas abordagens: a dos primeiros optava por generalizar uma suposta racionalidade universal maximizadora de todas as atividades humanas, ao passo que a dos segundos se direcionava para o estudo dos aspectos materiais da vida social (produção, circulação e distribuição e consumo) das sociedades que não se qualificavam como "sociedades de mercado". Mas uma crítica etnográfica da dicotomia entre sociedades de dons e sociedades de mercado, bem como a de uma racionalidade de maximização geral e universal, contribuiu para questionar as relações entre objetos e pessoas.

Uma das maiores relativizações e desnaturalizações que uma "antropologia econômica" - ou ainda uma "antropologia da economia" - pode nos provocar é considerar precisamente que o capitalismo é tão somente uma teoria nativa sobre um circuito de produção e consumo idiossincrático das sociedades ocidentais modernas. Não há, portanto, uma relação necessária entre capitalismo (e a precedência da esfera econômica sobre as outras esferas da vida social) e consumo, em especial no que se refere ao consumo de objetos (MILLER, 2007).

Daniel Miller faz um importante balanço de como a antropologia e outras ciências sociais se aproximaram da cultura material, de acordo com distintas perspectivas regionais e disciplinares. Analisando as abordagens sobre consumo a partir dos estudos de cultura material contemporâneos, conclui-se o quanto o consumo pode revelar sobre a natureza das relações humanas para além do materialismo. A antropóloga britânica Mary Douglas trouxe uma contribuição fulcral para as reflexões que aproximam consumo e reciprocidade. Dizia ela que sua "idéia central é de que a ciência econômica

deveria levar em consideração a função comunicativa dos bens como básica" (2007, p.23), sem que se deixasse de lado a noção de cultura como um processo dinâmico feito por indivíduos interagindo, entre si e com tais bens materiais.

Cultura material e consumo

Seguindo as sugestões de Miller (2007), os estudos de cultura material devem se aproximar do consumo considerando que este não se dá separadamente de uma produção contínua, e vice-versa: a cobra está, assim, com o rabo dentro da própria boca (para usar uma expressão de Mary Douglas). Outro ponto importante da perspectiva que o autor oferece é de uma compreensão mais profunda de uma humanidade inseparável de sua materialidade, como a oferecida por Lévi-Strauss (1975, p.19) na epígrafe deste ensaio. Então, do ponto de vista metodológico, é importante ter em vista que sistemas simbólicos - como os bens de consumo - e sistemas sociais não podem ser analisados independentemente uns dos outros.

É a coisa produzida, distribuída e consumida que cria a relação entre ela mesma e as várias pessoas que com ela se relacionam, ao mesmo tempo em que cria as relações entre as pessoas da cadeia que ela forma ao ser transmitida. Ou seja, as coisas possuem agência e fazem com que as pessoas se movimentem em torno delas; consequentemente, os indivíduos envolvidos em um processo de troca agem uns em relação aos outros em função da coisa.

Em *A vida social das coisas*, Arjun Appadurai nos sugere que "mercadorias são coisas com um tipo particular de potência social, que se distinguem de 'produtos', 'objetos', 'bens', 'artefatos' e outros - mas apenas em alguns aspectos e de um determinado ponto de vista" (2008, p.19) e que o estudo da vida social das mesmas deve ser feito de modo comparativo e processual. Para Appadurai, mercadorias são coisas que, antes de mais nada, são elegidas como mercadorias entre uma série de outras coisas que são retiradas do circuito de mercantilização e que são embutidos em um regime de valor diferente das primeiras. É a trocabilidade de uma coisa que define sua situação mercantil (2008, p.27):

"Proponho que a situação mercantil na vida social de qualquer 'coisa' seja definida como a situação em que sua trocabilidade (passada, presente ou futura) por alguma outra coisa constitui seu traço social relevante (...) pode ser decomposta em: (1) a fase mercantil da vida social de qualquer coisa; (2) a candidatura de qualquer coisa ao estado de mercadoria; (3) o contexto mercantil em que qualquer coisa pode ser alocada".

Mesmo o dom, de acordo com o autor (aproximando-se de uma análise de Pierre Bourdieu), suspende a especificidade da prática interessada na troca de presente; todas as coisas têm um potencial mercantil, uma vez que todas as trocas possuem uma dimensão

de cálculo, o que explode a dicotomia entre as sociedades de dom e as sociedades de mercado. E isto porque o presente, obrigatório e desinteressado, assume um caráter relacional e situacional, e o cálculo é feito mediante a natureza e a intensidade da relação entre aquele que doa e o receptor.

Uma das maiores contribuições apontadas por todos os autores citados anteriormente é a de Marcel Mauss, em seu clássico Ensaio sobre a dádiva. Ao tecer seu estudo sobre "sistemas de prestações totais", o antropólogo francês parte das trocas voluntárias porém obrigatórias de presentes, mostrando como este caráter ambíguo das trocas não é contraditório; e se pergunta "Qual é a regra do direito e do interesse que, nas sociedades (...), faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?" (2003, p.187-188; o grifo é meu).

Podemos chegar, a título provisório, à seguinte conclusão: as coisas dadas são, antes, coisas produzidas, distribuídas, circuladas e consumidas, de diversas formas que, no entanto, não encerram aí o ciclo da "cultura material". Além da dádiva retribuída obrigatoriamente, Daniel Miller comenta (citando Hebdige) que o consumo não consiste apenas em comprar bens, mas também envolve uma "apropriação altamente produtiva e criativa" de tais bens. A seguir, discuto mais atentamente a forma como as teorias antropológicas se aproximaram do estudo dos objetos.

Objetos e presentes

Como exposto anteriormente, os objetos entram em um regime de circulação como o da cobra que morde o próprio rabo, passando continuamente entre os falsos extremos de produção e consumo que, como considerados aqui, passam a ser um mesmo ponto no ciclo da vida social das coisas. Aproximar "coisas" e "objetos" reflete então uma escolha metodológica importante, que é a dos estudos de cultura material. José Reginaldo Gonçalves (2007, p.14) argumenta que "todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos e hierarquizamos".

Esta perspectiva se aproxima daquela de Appadurai, aconselhando que se acompanhe os deslocamentos e reclassificações de objetos em seus mais variados contextos – trocas mercantis, trocas cerimoniais, e espaços institucionais e discursivos como coleções, museus e patrimônios – para entender a dinâmica mesma da vida social e cultural, com seus conflitos, ambiguidades e efeitos sobre as subjetividades individuais e coletivas, abalando também a dicotomia moderna das categorias "sujeito" e "objeto". Se os objetos chegam a ser considerados sujeitos é devido ao uso criativo que inspiram, uma vez que enquanto símbolos fazem os homens conversarem entre si (como propõem Mary Douglas e Claude Lévi-Strauss,

sendo um dos veículos por excelência das relações sociais.

Logo, os objetos se tornam não apenas marcadores ou expressões de posições e identidades sociais, mas sim que, enquanto parte de um sistema de símbolos que é condição da vida social, são os elementos mesmos que organizam ou constituem o modo pelo qual indivíduos e coletividades experimentam subjetivamente tais identidades e *status*. "Seria relevante conhecer a forma desses objetos, o material e a técnica de fabricação, assim como as modalidades e contextos de uso", diz Gonçalves (2007, p.21).

Retomando o tópico da troca de presentes, Mary Douglas escreveu uma introdução para a nova tradução inglesa deste trabalho de Mauss (em inglês, *The Gift*) e que se chama *No Free Gifts*. Nesta apresentação, Douglas ressalta o caráter obrigatório de receber e de retribuir as dádivas, indicados por Mauss como dois aspectos fundamentais da instituição de prestações totais (1996, p.155):

*"It is not merely that there are no free gifts in a particular place, Melanesia or Chicago for instance: it is that the whole idea of a free gift is based on a misunderstanding. There should not be any free gifts. What is wrong with the so-called free gift is the donor's intention to be exempt from return gifts from the recipient. Refusing requital puts the act of giving outside any mutual ties. Once given, the free gift entails no further claims from the recipient. The public is not deceived by free gift vouchers. For all the ongoing commitment the free gift gesture has created, it might just as well never have happened. According to Marcel Mauss, that is what is wrong with the free gift. A gift that does nothing to enhance solidarity is a contradiction"*¹.

Os objetos, com sua materialidade, são capazes de organizar uma determinada experiência de mundo para aqueles que os recebem, doam ou retribuem, para as partes envolvidas no processo de troca, ou no sistema de prestações totais. E, como parte do processo de prestações totais, não só objetos são trocados (dados e recebidos), e nem sempre estes são retribuídos por outros objetos; afinal, por sua condição de existência simbólica, oferecem a possibilidade de serem trocados por outros símbolos que não são necessariamente materiais: a troca é de significados. Como dito pelo próprio Mauss, "por ora, é nítido que [o] vínculo pelas coisas, é um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. *Donde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si*" (2003, p.200, grifos meus).

Sentimentos, objetos, performance, troca, consumo

Para concluir a discussão – ou para finalmente entrar em seu cerne – torna-se mister relembra e esclarecer alguns pontos funda-

¹ "Não é por acaso que não existam presentes gratuitos em um local particular, seja na Melanésia ou em Chicago, por exemplo: é que a simples ideia de um presente gratuito está baseada em um erro de compreensão. Não deve haver presente gratuito. O que há de errado com o assim chamado presente gratuito é a intenção do doador de se isentar da retribuição de quem dele recebeu. A recusa da retribuição coloca o ato de dar fora dos laços mútuos. Uma vez dado, o presente gratuito não exige mais nada da parte do receptor. O público não se engana por quem dá presentes deste tipo. Pelo compromisso contínuo que o gesto do presente gratuito gera, ele podia muito bem nem ter acontecido. De acordo com Marcel Mauss, é este o erro do presente gratuito. Um presente que não faz nada para reforçar a solidariedade é uma contradição" (tradução minha).

mentais. Primeiro, como apresentado, o consumo não é apenas a fase final de um processo mercadológico e/ou do sistema capitalista; mais que isso, envolve aspectos de produção contínua em uma cadeia de apropriações e reinvenções simbólicas que transformam a coisa dada, trocada, vendida ou, enfim, o objeto em seus deslocamentos. Segundo, os objetos são mais do que simples objetos: são símbolos que, como alerta Mary Douglas, possuem uma função comunicativa e que como tal entram num sistema total, onde manipulam e são manipulados pelo indivíduos. Por fim, enquanto símbolos, devemos pensar em sua trocabilidade para além do sistema de trocas de objetos materiais, e pensar que objetos podem pedir justamente, como obrigação de retribuir, algo diferente de objetos, como ficará mais claro com os exemplos etnográficos apresentados adiante.

Marcel Mauss demonstrou, a respeito de trocas de signos (no caso, lágrimas), em ensaio sobre a demonstração obrigatória das emoções, que a subjetividade humana, o direito e a morfologia social de um grupo estão profundamente interligados, naquilo que o autor chamou de "homem total" (2005, p.334). Se fizermos uma sobreposição deste aspecto que define o social ao circuito de trocas que constitui a sociedade (Douglas, 1996, p.156), talvez se torne possível encontrar em Mauss a sugestão das trocas de coisas por sentimentos, o que já se expressava na formulação clássica do "fato social total". Claude Lévi-Strauss, também comentando o Ensaio sobre a dádiva, traz a preocupação com a reintegração dos aspectos descontínuos que constituem uma dada totalidade social, compreendendo o fenômeno social total de um ponto-de-vista em que "ele se encarna numa experiência individual", com o seu caráter tridimensional composto dos aspectos sociológicos, a dimensão histórica e, por fim, o aspecto físiopsicológico que definem o social como uma realidade (2003, p.23-24).

Já Malinowski, em sua investigação sobre o cerimonial Kula das Ilhas Trobriand, se pergunta sobre as diferentes modalidades de transação, desde os "presentes puros" até o "comércio puro e simples" (1978, p.138-148), sendo o Kula, como comenta o próprio autor, "a mais alta e mais significativa expressão da concepção nativa de valor". Fundamentado sobre certos processos cognitivos que definem as tais modalidades de troca, não podemos como foi feito, assumir que o colar que o marido dá a esposa seja um "presente puro". Deve-se considerar não só todo o processo de produção que permitiu a confecção do presente, mas também o consumo produtivo que é a apropriação específica do presente: o uso e a recepção da própria coisa dada, simultaneamente, consumo e retribuição.

Os circuitos percorridos pelos objetos, de mão em mão, e suas apropriações, envolvem outra possibilidade, que é a de sua trocabilidade por algo não-material, reforçando o entendimento dos bens enquanto elementos de um sistema comunicativo. Sendo capazes de organizar experiências de indivíduos e de coletividades, sua contrapartida está no caráter dramático que

podem assumir tais deslocamentos. Para Victor Turner (1992, p.72-98), é o deslocamento constante das relações que constitui o caráter sócioprocessual dos dramas e das performances momentos – como uma "efervescência social" – em que a coletividade toma consciência de si e se reconstrói, em processos de ajustamento situacional e regularização, bem como seu fator de indeterminação². Tal posição importa para a perspectiva que temos a respeito das trocas pois, como alerta Mary Douglas (1996), o público deve ser convencido da validade da troca que presencia. No caso que apresento a seguir, a troca de objetos por sentimentos (através de sua demonstração) é um destes momentos em que a troca assume um caráter dramático muito claro, de forma que podemos entender a troca como gênero performativo, e é nesta chave que serão analisados os casos prometidos.

O chá-de-panela é um ritual tradicional que se dá aproximadamente alguns meses antes da cerimônia de casamento, e que tem como foco a doação de presentes para a noiva. Observando recentemente um destes eventos, foram dados especialmente objetos pedidos pela própria noiva através de uma lista de presentes – significando então que os presentes não eram uma total surpresa para ela – e que possuíam alguma utilidade doméstica. Embora a noiva receba os presentes de olhos vendados e deva adivinhar o que é dado e quem deu cada coisa, ela não retribui diretamente com nada material (do mesmo tipo, pois a comida é material e é a forma pela qual a família retribui o comparecimento dos convidados), e parece que o que é recebido por ela tem a função de ajudar na constituição do domicílio³, e o que é por ela retribuído tem a função de auxiliar na constituição de uma parentela. Dois elementos sustentam tal afirmação: primeiro, a noiva e sua família recebem em sua casa seus amigos e os parentes do noivo⁴, e a estes se oferece comida que não é como a do dia-a-dia; em segundo lugar, há uma contínua demonstração de alegria e de amor, em especial através de coisas ditas, que também é uma forma de retribuir a presença dos convidados e os presentes dados.

Em especial sobre as coisas ditas, Bauman (1984) contribui fundamentalmente para que se considere não só o que é dito, mas também quem e como se fala, o que é dito e a quem tais palavras são dirigidas, conformando a sua noção de arte verbal como performance. No caso do chá-de-panela, uma das tarefas pagas pela noiva por não ter acertado qual era o presente dado no jogo em que esta os recebe de olhos vendados foi declarar seu amor para o noivo, que não estando presente no lugar, deslocou-se somente para receber a declaração de amor perante os convidados, deixando o local da brincadeira em seguida. Deu-se então nova troca: a declaração, dada ao noivo, e os convidados retribuem com a demonstração de sua emoção diante do amor ofertado em palavras. Tais fatos levam a crer que este evento é parte do processo ritual que visa a unir coletividades através de indivíduos, que é o caso do matrimônio como aponta Arnold Van Gennep (1977), constituindo uma rede que estabelece de uma nova unidade domiciliar

² Há um jogo, neste sentido, pois o caráter altamente ritualizado – os comportamentos prescritos e a interpretação mútua e constante destes pelos participantes – deve ser respeitado. Se ficar claro para os outros que uma das partes envolvidas na relação está contrária a ela, há um risco de desintegração. As relações de troca em eventos críticos podem ser lidas a partir desta perspectiva, e descontinuidade do processo poderia por em risco o devir esperado da troca.

³ O uso corrente na língua inglesa é o termo "household", que parece ter no termo usado a sua tradução mais próxima no português.

⁴ Sobre a obrigação de convidar, ver Mauss (op. cit. 2003:246). Nas páginas seguintes o autor também sugere que há uma obrigação do ato de alimentar ostentadamente e de aceitar tais alimentos.

estável (onde se dá o consumo dos presentes) e também de uma nova aliança da qual fazem parte amigos e parentes através da doação de objetos.

Um ponto a ser explorado é de que outros "chás" são possíveis, como o "chá-de-bar", onde não há troca de presentes, mas onde o comparecimento do amigo convidado assume um caráter obrigatório. Em casos onde o casal mora junto e o casamento só virá para confirmar simbolicamente a união que já existe, aponta-se que os amigos e parentes podem dar coisas de caráter não utilitário, e cujo uso seja dirigido ao casal mais do que apenas à noiva. Embora estes casos sejam raros, parece que o mesmo princípio opera, e o presente não precisa ser necessariamente material e, quando é este o caso, seu uso pode ser extra-doméstico.

No Natal ocorre processo similar, embora distinto. Nele, a troca de presentes ocorre dos dois lados ou, ainda, praticamente de todos os lados pois, diferente do que acontece com a noiva no chá-de-panela, no Natal quem recebe um presente está também chamado a devolver com um presente de mesmo tipo, e embora todos sejam chamados a dar e receber presentes, não parece haver um foco tão específico sobre quem os recebe. Para além das trocas de objetos materiais, temos o constante e alegre desejar de "Feliz Natal" que se espalha pelas ruas e até mesmo entre os que são desconhecidos para nós, estendendo a rede de trocas possíveis.

No próprio dia de Natal, no entanto, é que se reforçam os laços: amigos mais próximos e familiares é que têm a preferência em receber presentes, assim como é deles que se espera a retribuição, e as crianças em geral são reconhecidas como eleitas a receber, mas não a dar ou retribuir, uma vez que o cálculo econômico da compra dos presentes não pode ser levado por estas até suas últimas consequências⁵; mas destas se espera um consumo quase imediato da coisa dada, em especial de brinquedos. E a felicidade é uma demonstração mais ou menos geral, e forma uma troca a parte do circuito de bens materiais, sendo um caso exemplar da recepção do presente como ato de retribuição. A comida também entra em um regime de circulação e consumo não-cotidiano e quem come pouco quebra com a regularidade

da festa, onde se espera que todos partilhem do ato de comer bem, demonstrando prazer em fazê-lo.

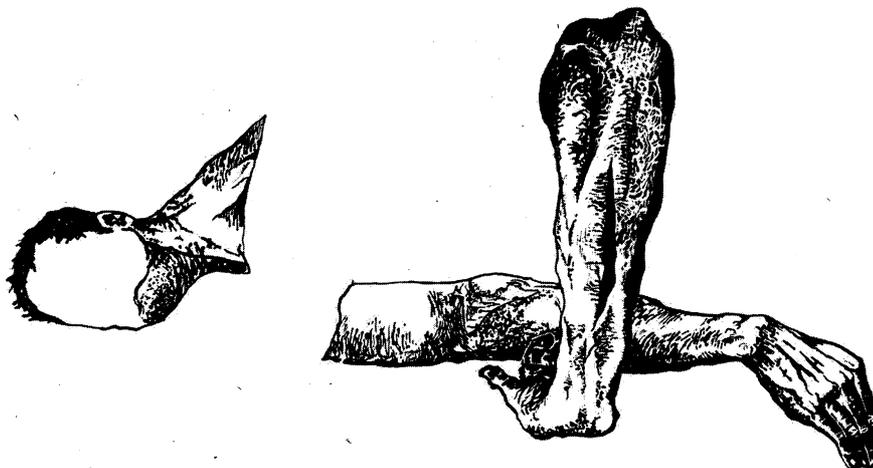
Os dois eventos parecem configurar aquilo que se chamou de "fato social total": um fenômeno integrado por vários aspectos descontínuos apreendidos em uma experiência individual, esta mesma constituída pelo circuito de objetos dados, recebidos e retribuídos.

Conclusão

Retomando o que foi dito no início deste ensaio sobre o campo da Antropologia Econômica, é cabível estabelecer através da perspectiva construída uma crítica aos pressupostos clássicos do formalismo e do substantivismo.

Quanto à crítica das trocas e dos processos econômicos como processo de maximização, apresentou-se uma argumentação que contraria a tese da racionalidade intrínseca das atividades humanas, sempre dotada de um cálculo maximizador da relação entre meios e fins como pretendiam os partidários da teoria formalista. Existe, sim, uma divisão do trabalho que possibilita uma forma eficaz de gerir as atividades humanas e que permite um tal fluxo de objetos e que dá aos participantes das trocas os "lucros" que estes pretendem. Mas e quando o lucro é destinado ao outro, e não a ao próprio trocador, será que podemos falar em maximização? E será que, ainda que sejam capazes de compreensão objetiva, os sentimentos trocados também são continuamente calculados?

Neste caso em especial a crítica da antropologia econômica deve se converter em antropologia da economia: as nossas categorias do pensamento econômico que dão sentido às práticas sociais da troca, do consumo, da compra e da venda, bem como suas consequências lógicas, acabam dando sentido também às práticas sociais que não obedecem aos mesmos princípios, em especial no que diz respeito à categoria "lucro". E as trocas que não são exclusivamente econômicas não podem se pautar somente pelo princípio organizador da economia. Quando alguém presenteia a noiva e espera que o seu presente seja útil, a maximização a ser atingida é, no máximo, uma consequência



⁵ Ver, no "Ensaio sobre a dádiva" de Mauss, as sugestões da Conclusão (em especial, a p.298).

do ato de presentear, e neste caso o "lucro" a ser maximizado não é de quem inicia a ação; a alegria da criança que brinca com o presente ganho no Natal pode não ser tão grande com um brinquedo quanto com outro, e ainda assim os presentes cumpriram sua eficácia ritual. O interesse do ato de dar não pode ser confundido com a racionalidade maximizadora.

Retornando às considerações feitas por Lévi-Strauss a respeito do princípio da reciprocidade, podemos afirmar que no que diz respeito ao "dom", "a troca não produz um resultado tangível (...) o lucro esperado não é nem direto, nem inerente às coisas trocadas, como são o lucro do dinheiro ou o valor do consumo" (1982, p.94). Embora não se espere retorno, a coisa dada age sobre o receptor criando o vínculo da obrigação de retribuir, e isto em especial se pensarmos no caráter público que a troca assume.

Para além da materialidade das trocas e da produção das coisas materiais e

sua mercantilização, como queriam os substantivistas, é justamente que os bens não seguem o encadeamento produtivo que termina no consumo, mas sim que há para além deste, um outro re-encadeamento das coisas: "é que na troca há algo mais que coisas trocadas", alertava o antropólogo francês (1982, p.99).

O problema levantado permitiu recolocar a questão da produção material tendo seu fim no consumo e também de repensar seus processos intermediários de distribuição e circulação através das trocas, que vão além do simples deslocamento dos objetos. Vimos então como é que estes presentes não são simples instrumentos das trocas, mas como são eles mesmos trocáveis e percebidos como tais, e como por tais percepções se tornaram desejáveis, organizando em uma outra lógica que não a da maximização as práticas culturais, constituindo assim a nossa "teoria da dádiva".

Submetido em março de 2010

Aprovado em maio de 2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun. (2008), *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, EdUFF.
- BAUMAN, Richard. (1984), *Verbal art as performance*. Long Grove, Waveland Press, Inc.
- DOUGLAS, Mary. (2007) "O mundo dos bens, vinte anos depois". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 13, 28:17-32.
- _____. (1996). "No free gifts", in M. Douglas (org.), *Risk and blame. Essays in cultural theory*. London, Routledge.
- GENNEP, Arnold Van. (1977), *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. (2007), "Teorias antropológicas e objetos materiais", in J.R. Santos Gonçalves (org.), *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*, Rio de Janeiro, Garamond.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1975), "O campo da Antropologia", in *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- _____. (1982), *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes.
- _____. (2003), "Introdução à obra de Marcel Mauss", in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1978), *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia*. São Paulo, Abril Cultural.
- MAUSS, Marcel. (2003), "Ensaio sobre a dádiva", in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.
- _____. (2005), "A expressão obrigatória dos sentimentos", in *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva.
- MILLER, Daniel. (2007), "Consumo como cultura material". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 13, 28:33-63.
- TURNER, Victor. (1992), *The Anthropology of Performance*. New York, PAJ Publications.